

BADULAQUES

CULTURAIS

Ano I - Nº 1



**A Música Potiguar Brega como
identidade musical do Rio
Grande do Norte**

Produção, Edição e Reportagem: Marco Túlio Cícero

Reportagem: A Música Potiguar Brega como identidade musical do Rio Grande do Norte

Redação e Edição

Marco Túlio Cícero

Artes/Imagens/Diagramação

Marco Túlio Cícero

SUMÁRIO

- 4 - Qual a identidade musical do RN?
- 8 - Um celeiro de artistas do gênero "brega"
- 12 - Música Potiguar Brega (MPB)?
- 13 - Brega: ser ou não ser? Eis a questão
- 14 - Um conceito/A Origem
- 19 - Um gênero musical pouco valorizado. Existe preconceito?
- 22 - O poder público e o preconceito em relação ao "brega"
- 23 - Música de cabaré/Qualidade musical
- 24 - Os editais públicos
- 25 - Falta valorização do poder público em relação ao artista popular potiguar?
- 30 - Os artistas falam
- 31 - A burocracia estatal
- 32 - Carlos André, o gigante de Mossoró
- 34 - A atual cena "brega" potiguar
- 36 - Grandes eventos e festas "bregas" no RN
- 37 - Enquanto isso, em Pernambuco...
- 41 - E porque não no RN?
- 42 - Primeiros passos?
- 43 - Música Potiguar Brega como Patrimônio Cultural Imaterial do RN
- 47 - Música Potiguar Brega como Identidade Musical do RN

Qual a identidade musical do RN?

Em meio a uma cena musical bastante diversificada e aberta a influências de outros estados e regiões, não conseguimos identificar nenhum gênero musical genuinamente potiguar e por conseguinte uma identidade musical própria.

O pesquisador musical e produtor cultural José Dias Filho, ou simplesmente Zé Dias, afirma: “Nos Anos 20, com a vinda do modernista Mário de Andrade ao RN e conhecendo o coquista Chico Antônio, ao ouvi-lo, afirmou: ‘sua voz vale por cinco Carusos’, até então o maior tenor do mundo. A partir desse encontro, o coco passou a ser reconhecido com um ritmo potiguar. Anos depois, Cleudo Freire lançou o disco *Coco de Zambê*; o pernambucano Antônio Nóbrega homenageou Chico Antônio com o CD *Na pancada do ganzá*; o Grupo Mestre Ambrósio gravou *Usina*; e Khrystal consolidou no seu primeiro CD *Coisa de Preto*, a nossa trajetória pelo ritmo”.



Zé Dias/Imagem de Arquivo



Damião Nobre/Imagem de Arquivo

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Damião Nobre, médico, compositor e pesquisador musical, esclarece que “não existe um gênero musical tipicamente potiguar. O ritmo mais tradicional que temos é o coco, que teve em Chico Antônio seu mais famoso representante, ao encantar Mário de Andrade, mas não é exclusivo do Rio Grande do Norte, basta lembrar o lendário Jacinto Silva, alagoano de Palmeira dos Índios. Tivemos Elinó Julião, Manoel do Coco e temos uma leitura contemporânea e estilizada com o excelente Galvão Filho”.

Confirmando as citações de Damião Nobre e Zé Dias, Mário de Andrade inicia a sua crônica intitulada *Chico Antonio*, publicada em 27 de janeiro de 1929 no jornal A República (Natal/RN), com a seguinte frase: “Uma das sensações musicais mais fortes de minha vida foi ouvir o ‘coqueiro’ norte-rio-grandense Chico Antônio”. E segue com seus elogios ao mestre coquista potiguar: “Ora, Chico Antônio, apesar de improvisador bom e capaz de sustentar um desafio na embolada, se afasta dos outros por ser essencialmente musical. É mesmo duma musicalidade tão prodigiosa e tão íntima que consegue, ao longo dos cocos que tira, manifestar esse poder de problemas estéticos, psicológicos, fisiológicos do fenômeno musical”.



Chico Antonio/Fonte:

<https://museudoagreste.blogspot.com/2013/07/chico-antonio-o-mestre-do-ganza.html>



Mário de Andrade / Imagem: Acervo da Biblioteca Nacional/Divulgação

É possível, como citaram Damião Nobre e Zé Dias, que o encantamento de um dos fundadores do modernismo no Brasil, o romancista, poeta, historiador de arte e musicólogo Mário de Andrade pela música do Mestre Chico Antônio (29/12/1904 – 15/10/1993), tenha levado o coco a ser reconhecido popularmente como um ritmo tipicamente potiguar àquela época. No entanto, com o passar dos anos o ritmo acabou se transformando em tradição popular através de manifestações de oralidade como cantos, músicas e poesias e danças típicas, com pouca divulgação na grande mídia e sem maior representatividade no meio artístico do Rio Grande do Norte.

Não devemos desconsiderar, é evidente, as produções audiovisuais em que alguns coquistas do nosso estado são homenageados. Rodrigo Sena roteirizou, produziu e dirigiu o documentário “Mestre Severino do Coco” em homenagem ao Mestre Severino do Coco, de Alcaçuz/Nísia Floresta, lançado em abril de 2021 pelas produtoras ABOCA e ORI Audiovisual.

Realizado pelo Coletivo Ganzá e com direção, roteiro e montagem de Joice Temple, o longa/documentário “Caminhos do Coco” de 2016 apresenta a cultura tradicional do coco, sua música e sua dança, em seis estados nordestinos. O coco potiguar está representado no filme pelo “Coco de Zambê do Mestre Geraldo”, de Tibau do Sul.

Em 1982, o Instituto Nacional do Folclore e a Fundação Nacional da Arte – Funarte, com o apoio da Fundação José Augusto e Universidade Federal do Rio Grande do Norte, lançaram o LP *Chico Antônio, no balanço do ganzá*. O mesmo trabalho foi lançado em CD, pela Funarte, em 1998. Em 1983, Chico Antônio se apresentou no programa “Som Brasil”, da TV Globo, na época apresentado por Rolando Boldrin.

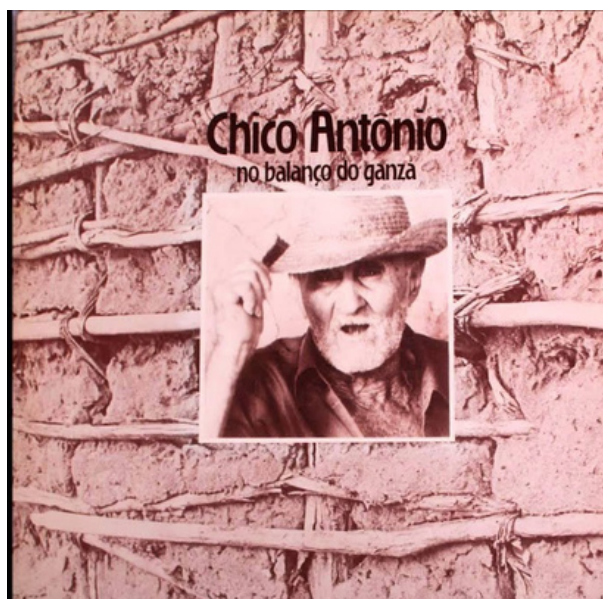
Da mesma forma, são de extrema importância, os estudos do historiador e folclorista potiguar Câmara Cascudo sobre o coco de Chico Antônio e as pesquisas do também potiguar, professor, poeta, historiador e folclorista Deífilo Gurgel realizadas a partir do seu encontro com a arte do coquista. Sem deixar de destacar as releituras do ritmo feitas por artistas de gerações mais recentes, como os potiguares Cleudo Freire e Khrystal e os pernambucanos Antônio Nóbrega e a Banda Mestre Ambrósio, citados por Zé Dias.



Mestre Severino do Coco/Imagem:
Acervo Rodrigo Sena



Mestre Geraldo/Fonte:
<http://flipaut.blogspot.com/2013/12/coco-de-zambe-do-mestre-geraldona.html>



Chico Antonio - Capa CD 1998/Fonte:
https://www.youtube.com/watch?v=CWbojCSSr_A

Porém, essas manifestações e produções culturais alusivas ao coco potiguar não são suficientes para caracterizá-lo como suporte melódico para definir a identidade musical do Rio Grande do Norte. Como tradição popular, ritmo típico ou dança típica, o coco potiguar acabou restrito aos grupos culturais de “resistência” que sobrevivem heroicamente em algumas cidades. Assim, temos o *Coco de Roda do Mestre Severino* em Nísia Floresta; o *Coco de Zambê do Mestre Geraldo Cosme* em Tibau do Sul; o *Grupo Coco do Calemba* em São Gonçalo do Amarante; e o *Coco de Roda do Mestre Bacalhau* em Canguaretama.

Talvez uma exceção seja o *Coco Juremado as Flexas*, que mesmo respeitando as raízes culturais do coco potiguar, tenta se aproximar e se consolidar junto a um público mais jovem. Criado em 2014 ao pé do Morro do Careca, na Praia de Ponta Negra, o grupo cultural já faz parte da cena musical natalense e em 2020 foi considerado Banda Revelação do Carnaval de Natal, no polo Centro Histórico.

Cabe, portanto, aos poderes públicos do estado e municípios zelar pela manutenção de suas tradições culturais, através de leis de preservação e incentivo à cultura popular.



Coco de Zambê Mestre Geraldo/Fonte:<https://www.youtube.com/watch?v=Wtu3wE6kC3I>



Coco de Roda Mestre Severino/Fonte:<https://www.flickr.com/photos/dosol/8657006430/>



Coco de Roda Mestre Bacalhau/Fonte:Portal IFRN



Coco Juremado as Flexas/Fonte:<https://rn.cut.org.br/>



Coco do Calemba/Fonte:https://www.youtube.com/watch?v=_YiBpLK8_lo

Um celeiro de artistas do gênero "brega"

A partir de pesquisas específicas sobre artistas daqui do estado, percebemos que o Rio Grande do Norte é um grande celeiro de artistas adeptos do gênero conhecido popularmente como "brega". Levantamentos iniciais apontam a existência de uma cena cultural "brega" composta por artistas potiguares nascidos e projetados artisticamente em nosso estado. Destacamos alguns:

Núbia Lafayette (Idenilde Araújo Alves Costa): nasceu em Assu/RN em 21/01/1937 e faleceu em 19/06/2007 em Niterói/RN. Aos três anos de idade foi morar com a família no Rio de Janeiro. Iniciou a carreira no final da década de 1950 como Nilde Araújo. Em 1960 conheceu o compositor Adelino Moreira, que sugeriu o nome artístico Núbia Lafayette. Nesse mesmo ano, gravou o samba-canção *Devolvi*, do próprio Adelino Moreira, trabalho que projetou-a definitivamente como cantora romântica e popular.



Imagem/Fonte:<https://www.letras.mus.br/nubia-lafayette/>



Imagem/Fonte:<https://papangunarede.com.br/?p=2238>

Carlos André (Oséas Carlos André de Almeida Lopes): nasceu em Mossoró/RN em 28/10/1938. Continua em plena atividade aos 84 anos. Tornou-se conhecido com o nome artístico de "Carlos André", como compositor e cantor e "Oséas Lopes", como produtor musical. Em 1959, com os irmãos João Batista e Hermelinda criou o Trio Mossoró. Explodiu nacionalmente em carreira solo, com os sucessos "Se meu amor não chegar" e "Cadeira vazia" de 1975. É sem dúvida um dos nomes mais expressivos da música popular potiguar.

Carlos Alexandre (Pedro Soares Bezerra): nasceu em Santa Fé, município de Várzea/RN em 01/06/1957 e faleceu em 30/01/1989 em São José de Campestre/RN. A trágica história do maior artista potiguar de todos os tempos, é contada em sua biografia “O Homem da Feiticeira – A História de Carlos Alexandre”, de autoria do jornalista Rafael Duarte.



Imagem/Fonte:<https://www.letras.mus.br/carlos-alexandre/>



Imagem/Fonte:<https://www.bregablog.com/2015/03/barto-galeno-discografia-completa.html>

Bartô Galeno (Bartolomeu da Silva): nasceu em Sousa/PB em 20/05/1950, mas pode-se dizer que é filho do Rio Grande Norte. Aos 10 anos mudou-se para Mossoró, onde iniciou sua carreira artística. Autor dos clássicos “bregas”, “No toca-fitas do meu carro” e “Só lembranças” é um dos maiores ícones do gênero em atividade.

Eliño Julião (Eliño Julião da Silva): nasceu em Timbaúba dos Batistas/RN em 13/11/1936 e faleceu em 20/05/2006 em Natal/RN. Artista multifacetado, que além de enveredar por todos os ritmos nordestinos (quicá, brasileiros) com maestria, também produziu grandes clássicos do gênero “brega”. “Ela me deixou e foi morar com o guarda”, “Meu cofrinho de amor”, “O homem invisível”, “É minha sina”, “As mulheres merecem flores”, “Meu bauzinho de felicidade”, são músicas que o colocam no panteão dos grandes artistas representantes do “brega” local e nacional.



Imagem/Fonte:<https://www.besthomenagens.com.br/homenageamos-hoje-elino-juliao/>

Fernando Luiz (Fernando Luiz Tavares): nasceu em Natal/RN em 21/01/1952. Perguntado se o rótulo de cantor “brega” o incomodava respondeu: “Muito pelo contrário. Me orgulho de ser ‘brega’”. Tem uma longa trajetória como cantor de bandas de baile, da noite carioca, participante de shows de calouros e caravanas de artistas. Explodiu para o sucesso com a música “Garotinha” de 1984. Além de cantor e compositor, é um ativista em busca da valorização do artista potiguar, como é possível perceber no programa de TV “Talento Potiguar”, que apresenta há vários anos.



Imagem/Fonte:<http://correiodoeste.blogspot.com/2012/05/fernando-luiz-um-roqueiro-convertido-ao.html>



Imagem/Fonte:<https://www.facebook.com/Evaldo-Freire-868937036556319/>

Evaldo Freire (Genivaldo Freire do Nascimento): nasceu em Ipanguaçu/RN em 28/10/1955. Digno representante do “brega” clássico, aquele que canta as dores do amor, das ausências, saudades e traições. Músicas como ‘Eu vou partir’, “Falso amor”, “Arrependida”, “Tanto tempo”, e outras do seu repertório, traduzem a “sofrência” característica do gênero.

Gilliard (Gilliard Cordeiro Marinho): nasceu em Natal/RN em 17/12/1956. Sucesso nacional, com participação em todos os programas musicais de todas as TVs do Brasil, o autor de “Aquela nuvem” é contemporâneo da maior parte dos representantes da música “brega” potiguar, com quem participou de shows e caravanas de artistas. Apesar de continuar participando de eventos musicais considerados “bregas”, a música de Gilliard se caracteriza mais pelo romantismo de cantores como Fábio Júnior, Roberto Carlos, Márcio Greyck, Leonardo Sullivan, entre outros.



Imagem/Fonte:<https://immub.org/compositor/gilliard>



Imagem/Fonte:<https://www.youtube.com/watch?v=966xEa-uQU0>

Maurílio Costa (Maurílio Bernardino da Costa): nasceu em Currais Novos/RN em 12/08/1951. Outro representante do “brega” clássico, fez sucesso no Brasil inteiro com a música “Chorei ao ler sua carta”, nos anos 1970. Outros grandes sucessos são “Bilhete perfumado” e “Menino de rua”. Tem parcerias com Evaldo Freire e Carlos Alexandre.

Messias Paraguai (Messias Lopes Paraguai): nasceu em Mossoró/RN em 17/08/1965. Messias conta que iniciou a carreira cantando Milton Nascimento. Talvez venha daí a sua vontade de “ir aonde o povo está” (trecho de “Nos bailes da vida”). Sucessos de Messias: “Aconchego na cama”, “Despedida”, “Doce mel”, “Eu quero só você”. Sua música vai do “brega” clássico ao lambada “brega”. Mas nos seus shows ele canta de tudo. É só pedir.



Imagem/Fonte:<http://blogflavioezende.com.br/postagem/cantor-messias-paraguai-comanda-festa-baile-na-aabb-nessa-sexta>



Imagem/Fonte:<https://robsonpiresxerife.com/morre-em-natal-ex-vereador-mossoroense-regy-campelo/>

Regy Campelo (Reginaldo Regy Campelo): nasceu em Mossoró/RN em 28/09/1949 e faleceu em 16/09/2015 em Natal/RN. Autor do grande clássico do “brega”, “Saudade de Rosa” em parceria com Bartô Galeno, não conseguiu repetir o mesmo sucesso em outras canções como: “Pelos caminhos do amor”, “Tudo vai mudar”, “Meu coração te chama”, “Olha”. Regy foi vereador e radialista em Mossoró.

Selminha (Selma Maria Barbosa Neco): nasceu em Natal/RN em 17/11/1958. Representante do forró “brega” continua fazendo shows e se apresentando em programas de TV locais. Pra dançar um “brega”, pesquise “Dança louca”, “Você gosta disso?”, “Vem me namorar”, “Gamada em você” ou “Sonhando acordada” entre várias outras. Selminha tem parcerias com Fernando Luiz e Sueldo Soares.



Imagem/Fonte:<https://www.youtube.com/watch?v=5Sgct14KenY>

Música Potiguar Brega (MPB)?

Essa profusão de artistas “bregas” aponta para uma forte influência desse gênero no cenário musical potiguar. Suficiente para caracterizar uma Música Potiguar Brega (MPB)?

“O nosso estado tem realmente vários representantes no cenário brega. Desde o pop de Gilliard aos mais simples como Carlos Alexandre e Carlos André. Muitos destes artistas começaram como cantores de forró e com a falta de espaço para o gênero, migraram para a música brega, como Elinó e Carlos André. A simplicidade das melodias, geralmente com três acordes e a semelhança nos temas facilitou a transição e fez com que alcançassem bastante sucesso. Pesou muito também o trabalho de Carlos André como grande produtor. São também pessoas simples, verdadeiros representantes do povo para quem compunham e encontraram boa receptividade nas emissoras de rádio destinadas a este tipo de público”.

Damião Nobre

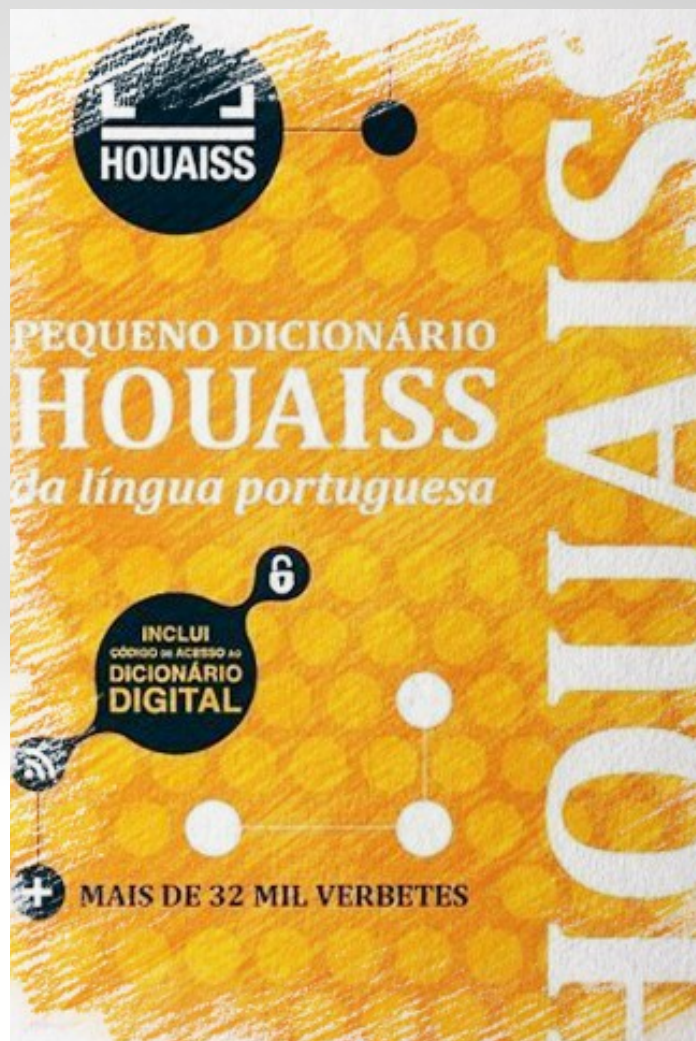
“Dos citados, meu destaque vai para Núbia Lafayette, Carlos Alexandre, Gilliard, Carlos André e Bartô Galeno que é paraibano, mas residia em Mossoró e todos, pouco ou muito tiveram visibilidade nacional. O brega sempre existiu na Música Nacional e o RN sofreu suas influências. O fato de existir uma Música Brega do RN, existe pela presença dos citados por mim acima e pelos citados por você, mas que tiveram sucesso local”.

Zé Dias

Brega: ser ou não ser? Eis a questão.

Mas afinal, o que é "brega"?

Para encontrar uma resposta satisfatória, precisamos recorrer a alguns pesquisadores acadêmicos, escritores, jornalistas, compositores... Mas antes, vamos conhecer a significação do Grande Dicionário Houaiss para “brega”: *que ou quem não tem finura de maneiras; cafona, de mau gosto, sem refinamento, segundo o ponto de vista de quem julga; de qualidade reles, inferior; zona de meretrício; música de apelo popular, cujo público originalmente foram as classes economicamente menos favorecidas e que frequentemente apela para clichês, falando de trivialidades de cunho sentimental, entre outros temas.*



Definições nada agradáveis e talvez suficientes para manter qualquer pessoa, artista ou não, longe do risco de ser considerada “brega”. Não é o caso do compositor, cantor, apresentador e produtor musical Fernando Luiz, que se orgulha de ser “brega” e tem um ponto de vista muito interessante em relação a esses conceitos negativos: "Se você vai no dicionário, brega é só sinônimo de coisa ruim. É fora de moda, cafona, pejorativo, sem qualidade. É terrível a definição. Eu acho que deveria ser criado um termo específico. Falar com algum filólogo. Como aquele sindicalista Magri, que foi ministro do Collor. Ele em uma época disse que o FGTS era ‘imexível’. Isso aí virou uma palavra, que virou um verbete de dicionário. Eu acho que em termos de música, deveria ser criado um verbete para definir que a música brega é uma música simples, sem pretensões. Nunca afirmar que tudo que é brega não presta”.

Um conceito

O professor do Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia, Lucas Martins Gama Khalil, apresenta um conceito de “brega” em seu livro “A Ressignificação Brega de Canções Anglófonas”: “O conceito de ‘brega’, por sua vez, aproximar-se-ia mais constantemente da noção de estilo, tendo em vista que é constituído por posturas, de certa forma, um pouco mais individualizadas, que eventualmente atravessam diversos outros gêneros musicais, como o forró e o sertanejo”.

Essa ideia do “brega” relacionado a um estilo é recorrente em nossa sociedade. O estilo “brega” está presente no modo como a pessoa se veste ou age, no modo de falar, de caminhar, no gosto musical (independente se é fã do “brega” ou não), nos lugares que frequenta e outras situações cotidianas. No final das contas, a pessoa pode ser “brega” no estilo e não ser “brega” no gosto musical.



O ESTILO BREGA DE FALCÃO
Imagem/Fonte:fashionbubble
s.com

Origem

Quanto à origem da palavra “brega”, encontramos, na literatura sobre o assunto, algumas definições, mas que carecem de comprovação oficial.



Imagem/Fonte:zoom.com.br

Em seu livro “Verdade Tropical”, Caetano Veloso (1997), traz uma versão que, se não possui caráter oficial, não deixa de ser interessante para reflexão: “Nos anos 50 os brasileiros tinham como música comercial sobretudo aquele tipo de canção sentimental barata que, depois de anos de bossa nova, rock americano, neo rock ‘n’ roll inglês, tropicalismo e rock brasileiro (BRock), voltou a dominar o mercado no final dos anos 80 e início dos 90, qualificada como ‘brega’ (palavra da gíria baiana, hoje usada como adjetivo, mas na origem um substantivo chulo que significava ‘puteiro’ dizem que, a partir do nome Padre Manuel da Nóbrega de uma rua de zona de prostituição em Salvador ou Cachoeira sobre cuja placa quebrada restavam apenas as duas últimas sílabas do nome do sacerdote)”.

Em seu livro “Dicionário Brasileiro de Insultos”, Altair J. Aranha (2002), também reproduz essa versão não oficial: “Brega: de mau gosto, de baixo nível. Consta que a palavra teve origem em Salvador, mais propriamente numa área urbana de baixo meretrício onde uma placa indicando a rua Padre Manuel da Nóbrega teve gasto o letreiro, sobrando apenas as duas últimas sílabas. Aplica-se a pessoas que se mostram sem elegância, que exibem mau gosto”.



Imagem/Fonte:<https://www.taca.com.br/livro/971575/>

Dentro desse contexto altamente negativo e pré-estabelecido em relação ao “brega”, muitos artistas não se sentiam à vontade em fazer parte desse universo musical, embora entre os maiores vendedores de discos do Brasil no início dos anos 1970, estivesse um representante do gênero: **Evaldo Braga**.

Em “O homem da feiticeira: a história de Carlos Alexandre”, o jornalista Rafael Duarte destaca a ascensão do cantor de Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro: “O disco levou Evaldo ao topo em 1971, especialmente junto a uma faixa da população que se identificou com músicas que dispensavam metáforas e falavam abertamente de desilusões amorosas, traições e outros temas ligados ao relacionamento humano. ‘A cruz que carrego’ foi uma das músicas mais tocadas do LP. O rápido sucesso não deixou alternativa à gravadora senão lançar em seguida ‘O ídolo negro – Volume 2’. Se a estreia já tinha sido promissora, em 1972 Evaldo Braga confirmou as expectativas. A canção ‘Sorria, Sorria’ virou um clássico do gênero e sacramentou a condição do cantor como ídolo na periferia brasileira”.



Imagem/Fonte:<https://aquela musica.com/artista/evaldo-braga/>



Imagem/Fonte:<https://www.facebook.com/ohomemdaf eiticeira/>



Rafael Duarte

Imagem/Fonte:<https://www.saibamais.com.br/author/rafael-duarte/>

Ainda de acordo com Rafael Duarte, “o gênero romântico já vinha recebendo críticas da elite. Setores da classe média tacharam de brega e cafona a música abraçada e difundida pela periferia que, além de Evaldo Braga, descobriu Márcio Greyck, Fernando Mendes, Marcelo Reis, Carlos André, Bartô Galeno, Wando, Amado Batista, Sidney Magal e já tinha como referência cantores populares há um certo tempo na estrada a exemplo de Agnaldo Timóteo, Nelson Ned, Vicente Celestino, Nelson Gonçalves, Carlos Alberto, Lindomar Castilho e Waldick Soriano”.

Sobre artistas que nunca aceitaram o rótulo de “brega” o jornalista cita em seu livro, **Agnaldo Timóteo**: “Agnaldo Timóteo nunca aceitou o rótulo de brega. O cantor romântico põe na conta do preconceito a divisão imposta pela elite na MPB”.

E cita depoimento do ídolo no documentário “Vou rifar meu coração” de Ana Rieper (2011): “A mim não chamam nunca de brega. Porque quando eu pego o microfone eu viro um monstro. Quando Nelson Gonçalves gravou ‘Negue’ era cafona. A Maria Bethânia gravou virou luxo. É o preconceito que é inserido, divulgado, programado e multiplicado contra nós, cantores românticos de origem modesta”.



Imagem/Fonte:Reprodução/Facebook

Em 01/11/1998 em entrevista ao jornal Notícias Populares e reproduzida na Folha de São Paulo em 23/11/2018, **Reginaldo Rossi** respondeu a uma pergunta sobre como se definia musicalmente e se ser chamado de “brega” o incomodava: “Sou um cantor. Não incomoda o brega, eu progredi. Na época eu vinha de uma escola de engenharia e cantava iê-iê-iê com cuidado. Voltei para Recife porque tinha uma coisa de o cara cantar ou só no AM ou só no FM. O cantor era de classe A ou brega. Como eu cantava tudo fiquei sem saber o que fazer. Se falarem que é brega, quero que falem que sou brega ao quadrado. Assim vendo mais”.



Imagem/Fonte:<https://acervo.o-globo.globo.com/>

Em maio de 2017, a partir da aprovação do Projeto de Lei nº 16.044/2017, a música “brega” foi incluída como uma das expressões artísticas genuinamente pernambucanas. A lei começou a tramitar em 14 de fevereiro, data escolhida por ser o dia do nascimento dele, **Reginaldo Rossi**, um dos grandes expoentes da música “brega”, nascido e consagrado em Recife, falecido em 20 de dezembro de 2013.



Imagem/Fonte:Reprodução /Facebook

Em entrevista ao programa #Provoca da TV Cultura, em 11/05/2021 o cantor e compositor **Odair José**, revelou ao entrevistador Marcelo Tás que não gosta de ser chamado de “brega”: "Sobre o negócio do 'brega', eu não gosto. Eu sei que no Brasil existe uma cultura de achar que isso já é um estilo. Tudo bem, eu não me importo, quem quer chamar, chama. Mas o negócio do 'brega', eu acho que é diminuir a coisa. Pode inventar várias definições, mas a definição que eu conheço de 'brega' é 'coisa de mau gosto'. Eu acho meio desagradável chegar para o cara e dizer: 'O seu trabalho é brega, você está brega'. Eu, pessoalmente, não gosto. Já me importei mais, hoje não me importo”.

É essa conotação negativa, que sempre relaciona o “brega” a mau gosto, baixo nível, algo deselegante e sem refinamento, que acaba por vezes fazendo com que o artista, ainda que inconscientemente, tente se desligar desse rótulo. O que não deixa de ser uma grande contradição. Se o cantor ou compositor consolidou a sua carreira a partir da produção de um tipo de música para o consumo do povão, sem grandes refinamentos estéticos, porque ele mesmo querer alimentar esse tipo de preconceito em relação ao “brega”?

Em seu artigo, “Sobre o Universo Brega e seus Enquadramentos nas Dinâmicas da Atualidade”, o doutorando no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, Rogério Costa (2016), traz mais algumas reflexões sobre o “brega”:

“A dor transformada em canção, a pobreza exaltada nos salões, o pejorativo; a ideia de brega passa de negativa para algo de valoração nobre, motivo de identificação e assimilação. É que o brega pode ser considerado uma linha de fuga da estrutura do discurso que predomina na conduta social, pois se inclina às diferenças, reúne divergências e, num misto de generalidades, constrói outras possibilidades”.

Com essas reflexões, Rogério consegue explicar melhor o momento atual de reconhecimento do “brega”, não apenas como estilo musical, mas também como estilo de vida.

“Em linguagens musicais, o brega acomoda-se de acordo com as dinâmicas de público e de sociedade, o que faz com que as músicas, os tipos musicais embutidos sob essa denominação permaneçam adjuntos dos processos sociais. Por isso, afirmou-se anteriormente que o que é dito cafona integra um universo musical mais amplo, que inclui características outras que não somente o sentimentalismo e a tristeza”.

“Trata-se de usufruir o cômico, o humorístico diante da moralidade legalizada. A dor, que nos dias atuais tem adquirido o codinome sofrência, dialoga com a secular e mitificada caliência dos trópicos”.

Um gênero musical pouco valorizado. Existe preconceito?

Apesar da grande concentração de artistas potiguares representantes do gênero, alguns já falecidos e outros em plena atividade, esse tipo de música nunca mereceu a devida atenção e reconhecimento do poder público e dos responsáveis pela cena musical potiguar: produtores e consumidores musicais, influenciadores culturais, imprensa especializada.

A falta de valorização do gênero “brega” e seus representantes no RN, pode ser observada na ausência dos artistas “bregas” potiguares nos grandes eventos musicais promovidos pela iniciativa privada e pelo poder público do estado.

Em nossa capital, acontece anualmente no mês de dezembro, o Carnatal, o carnaval fora de época de Natal, o maior carnaval fora de época do mundo segundo o Guinness Book, mas que também pode ser considerado “o maior festival de música baiana fora da Bahia”. É um megaevento promovido pela iniciativa privada que conta com o respaldo logístico dos governos estadual e municipal e que traz entre suas atrações musicais, artistas de todos os gêneros e regiões do país, com pouca ou nenhuma relação com a cultura local.



Em 2019, ano da última edição do Carnatal antes da pandemia da covid-19, foram estas as atrações do evento:

- ***Bloco Largadinho:*** Ex-Bloco Caju, comandado por Cláudia Leite carioca de São Gonçalo (mudou-se para a Bahia com 5 dias de vida), foi lançada ao estrelato no carnaval baiano no início do século 21, cantando em bandas de axé-music antes de explodir em carreira solo.
- ***Me Abraça:*** Comandado pelo baiano Durval Lelys, ex-Asa de Águia, figurinha carimbada do axé-music e do carnaval baiano.
- ***O Vale:*** Novidade do Carnatal/19, trouxe a baiana ex-Cheiro de Amor, Alinne Rosa e representante dos gêneros axé, samba reggae, pop, electropop, etc.
- ***Vumbora?!:*** Comando do indefectível Bell Marques, ex-Chiclete com Banana, mais um baiano representante do axé-music e suas variações.
- ***Bicho:*** Veteraníssimo do Carnatal, o baiano e cidadão natalense desde 2003 Ricardo Chaves, comanda mais um bloco baiano de axé-music.
- ***Vem com o Gigante:*** O gigante é o baiano de 2m de altura, Léo Santana, ex-Parangolé. Gênero: pagode baiano, swingueira e por aí vai.
- ***Vem com o Parango:*** Sob o comando de Tony Salles, outro baiano, a banda Parangolé apresenta o seu pagode baiano.
- ***Village:*** Primeira vez no Carnatal, o bloco traz a incomparável, indescritível, rainha de todos os ritmos Ivete Sangalo. Baiana.
- ***ÔBaiuno:*** Também figurinha carimbada no Carnatal, o bloco traz no comando o baiano do axé e samba-reggae Saulo Fernandes.
- ***Vumbora Day:*** Formado pelos filhos de Bell Marques.
- ***Fit Dance:*** Bloco de dançarinos de fitdance, uma atividade aeróbica.

Em dezembro de 2021, o Carnatal voltou com toda a sua “baianidade” e praticamente repetiu as atrações de 2019, apresentando algumas novidades, “pero no mucho”, como: *Márcia Freire* (baiana, ícone do axé-music, ex-Cheiro de Amor); *Anitta* (funkeira baiana, ops, carioca e sua bunda mágica); *Daniela Mercury* (baiana, eterna musa do axé-music e do carnaval baiano); *Barões da Pisadinha* (dupla baiana do gênero piseiro, uma espécie de variação do forró e do brega); *Henry Freitas* (pernambucano, canta forró estilizado, se é que existe); *Henrique e Juliano* (dupla sertaneja do Tocantins); *Raí Saia Rodada* (potiguar do forró eletrônico, tem no clássico “Tapão na Raba” o seu grande hit) e *Tarcísio do Arcodeon* (cantor e compositor cearense do gênero forró, vaquejada e piseiro).

Em seus 30 anos de existência, o Carnatal nunca fugiu dessa categoria de atrações e gêneros musicais. São raras as participações de artistas populares potiguares, que representem minimamente a nossa cultura. Como explicar essa falta de valorização do nosso artista popular dentro do seu próprio estado? Algumas questões precisam ser levantadas.

Existe preconceito ou falta interesse de produtores musicais e incentivadores culturais em nosso estado em dar destaque à música “brega” produzida por artistas locais, talvez por considerá-la de qualidade inferior a que é “importada” de outras regiões do país?

O pesquisador Damião Nobre vai direto ao ponto: “Não tenho explicação, mas é possível. Paga-se uma fortuna para uma Paula Fernandes, por exemplo, e os nossos nem são convidados”.

Zé Dias, como produtor musical apresenta uma visão, digamos assim, mercadológica sobre o assunto: “Mercado é mercado. Se faz sucesso toca, se não é ostracismo. Existe o preconceito contra a música brega, principalmente depois do surgimento da bossa nova, dos festivais e do tropicalismo. Agora, é bom lembrar, que Caetano Veloso sempre gravou esse estilo e eternizou alguns clássicos. Na verdade, existe música boa ou ruim”.

O poder público e o preconceito em relação ao “brega”

E quanto ao poder público? Será que os gestores de cultura reconhecem algum tipo de preconceito em relação ao artista popular potiguar, particularmente aos representantes do gênero “brega”?

Crispiniano Neto, poeta cordelista, bacharel em direito, integrante da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, atual gestor da Fundação José Augusto e Secretário de Cultura do RN, comenta sobre preconceito e reforça alguns conceitos e definições relativos ao “brega”:



Imagem/Reprodução facebook

“Preconceito existe, mas não é de parte da nossa gestão. Há dois vieses preconceituosos sobre a música romântica mais preferida pelo povão. O primeiro é de caráter moral. Ou melhor, do falso moralismo reinante na nossa sociedade conservadora. Falo da origem da palavra ‘brega’. Segundo reza a lenda da etimologia popular, que se baseia na gíria como origem de muitas palavras que um dia são dicionarizadas, teria surgido de uma rua de Salvador, onde funcionava um cabaré. Era a ‘Rua do Padre Nóbrega’. E a placa da rua foi se desgastando ao longo de décadas, a ponto de ir se apagando a palavra ‘Padre’ e a sílaba ‘Nó’ de Nóbrega ficando somente ‘Rua do Brega’. A partir daí, as pessoas diziam: vamos para a Rua do Brega, até que ‘brega’ virou sinônimo de cabaré, ao lado de frege, canjerê, boate, bordel, prostíbulo e lupanar”.

Música de cabaré

Essa explicação para a origem da palavra “brega”, já foi aqui reproduzida com pequenas variações, em citações de outros autores. No entanto, vale a pena destacar no argumento de Crispiniano, a associação feita entre “música brega” e “música de cabaré”, que evidencia o forte preconceito típico do “falso moralismo reinante na nossa sociedade conservadora”: “De modo que a música românticamente escrachada, por ser muito tocada nas vitrolas e radiolas dos cabarés ganhou o epíteto de ‘música brega’, associando-se à condição de ‘música de cabaré’”.

“O primeiro preconceito forte em relação ao brega vem justamente da condição de ‘música de cabaré’ que agrega a si toda a carga discriminatória que a prostituição carrega por ser o contraponto do casamento burguês, contrato de interesses, que serve ao abafamento das relações mais absurdas, mas que é o modelo aceito em nossa sociedade”.

Crispiniano Neto

Qualidade musical

Crispiniano relaciona o “segundo viés preconceituoso, à qualidade musical e poética das letras e melodias”.

Para ele, “as letras, em grande parte das composições, são de poesia sempre muito rasa e direta, pouco rebuscada e sem floreios, falando muito diretamente aos corações estraçalhados com os últimos suspiros da paixão... Paixão enquanto sinônimo de sofrimento, apanágio de um romantismo de dor, como prova maior de bem querer”.

“Esses preconceitos são da sociedade conservadora, falso moralista e metida a intelectual, mesmo não o sendo. E ainda, do mercado. Mercado do show business e das novelas”.

Poeta, escritor, compositor e gestor cultural, o Secretário de Cultura de Natal **Dácio Galvão** também fala sobre a questão do preconceito em relação à música “brega” e seus representantes no cenário musical potiguar:



Imagem/Fonte:Arquivo Pessoal

“O mercado musical do país é complexíssimo. Nos últimos 20, 30 anos, essa cultura de massa tomou rumos de marketing e de um certo dirigismo comercial. No início pertencendo às grandes gravadoras que elegiam os seus gêneros de música preferidos. Nos anos 60 o brega teve um espaço maior. Nos anos 70, com Elinó Julião, por exemplo, com *Cofrinho de Amor*, Carlos Alexandre, etc, também não deixou de ser uma proposta de marketing. Então, preconceitos à parte, eu acho que não, eu acho que o lado preconceituoso sempre é superado a depender da comunicação de massa e isso tá na mão hoje das plataformas de streaming. Tô falando isso da área privada”.

Os Editais Públicos

"Desde o ano 2000, a área pública trabalha com uma tendência da formulação de políticas públicas, com o instituto do edital público, das chamadas públicas, onde todos os gêneros musicais são aceitáveis como inscrição”

“Existe uma curadoria formada por pessoas que têm expertise na área e eles, dentro do processo de formação que tiveram, e evidentemente dentro do subjetivismo estético, artístico, que têm, julgam e selecionam como qualquer concurso”.

"Nesse caso é um concurso de arte musical. Um concurso como qualquer um outro. Seja na área da saúde, da educação, enfim, com o rigor que tem que se ter. Então, eu acho que é uma questão muito mais mercadológica do que uma questão preconceituosa. Seja na área privada, seja na área pública”.

Falta valorização do poder público em relação ao artista popular potiguar e a música que produzem?

Crispiniano aponta alguns entraves relacionados à burocracia estatal, a falta de organização dos próprios artistas “bregas” e até mesmo obstáculos operacionais ou organizacionais, como empecilhos à que algumas “tentativas” de ações apoiadas por sua secretaria fossem levadas adiante:

“Quanto à falta de projeção do segmento, entendo que um dos motivos é uma grande falta de organização dos artistas e produtores desta área da música. Recentemente me comprometi a pagar os cachês de Bartô Galeno, em dois shows que ele iria fazer em Mossoró e noutra cidade próxima. Mas nem ele nem o produtor tinham os documentos atualizados para abrir um processo com a burocracia natural do serviço público. Fernando Luís é o único que tem documentação organizada e a FJA já fez mais de uma vez com ele festivais de músicas, chamados ‘Talentos nas Cidades’”.

“Tentamos uma programação com o jornalista Rafael Duarte, autor do livro ‘Carlos Alexandre, o homem da feiticeira’, para ele ir às Casas de Cultura, que são 27 no interior, mas ainda não deu certo. Espero que com o ‘novo normal’, depois da onda de pandemia possa dar certo”.

Apesar de assumir que “falta um pouco de iniciativa da gestão”, Crispiniano não deixa de cobrar mais ação dos nossos artistas populares na busca por valorização do seu trabalho:

“Estamos muito ocupados em recuperar os espaços da infraestrutura da Cultura Potiguar que estavam fechados: Pinacoteca, Biblioteca, Forte dos Reis Magos, Papódromo, Escola de Dança, Teatro Alberto Maranhão, etc. E também com os editais para socorrer os artistas em situação de penúria com a pandemia. Mas também não há nenhum movimento da parte deles. Temos 16 câmaras setoriais, com os segmentos organizados da cultura que querem dialogar, mas o segmento brega não teve nenhuma iniciativa de nos apresentar algum projeto neste sentido”.

“Quanto à valorização destes artistas pela Fundação José Augusto, posso dizer que ainda não temos um projeto específico, mas eles entram em vários projetos, principalmente nos editais onde não há determinação nem exclusivismos de estilos. Talvez, depois de tanta ‘pedreira’, de reconstrução de uma instituição que encontramos ‘esfarelada’, possamos dialogar mais com o setor, viabilizando que haja mais organização da parte deles para podermos estabelecer parcerias duradouras e produtivas”.

Crispiniano Neto

José Fernandes (José Fernandes Hortêncio Sobrinho): nasceu em 17/04/1953 em Currais Novos/RN e faleceu em 26/05/2008 em Goiânia(GO). De uma família de 16 irmãos e muito pobre, ainda criança foi para o Centro-Oeste como retirante. Catava lixo e pastorava carros em Goiânia até que foi descoberto por Amado Batista, que gravou mais de cinquenta sucessos “bregas” de sua autoria. “Princesa” e “Seresteiro da noite” são músicas responsáveis pela venda de milhões de discos de Amado Batista e outros ícones da música “brega” e do sertanejo.

Crispiniano finaliza com um depoimento pessoal:

“Todos os domingos destaco artistas potiguares no meu programa de rádio, ‘A Voz da Serra’, na Rádio Difusora de Mossoró. E não discrimino nem escolho por estilo. De Tonheca Dantas, considerado o *Strauss do Nordeste* pelas suas valsas muito bem elaboradas a Zé Fernandes, eu já rodei e homenageei”.

Ao citar Zé Fernandes em seu depoimento, Crispiniano cobra a presença do cantor e compositor na lista dos grandes artistas populares potiguares. Então, não seja por isso:



Imagem/Fonte: www.compositorengeniaisbrasileiros.com.br

Quanto a essa questão da falta de valorização do artista “brega” em nosso estado, Dácio contextualiza:

“Eu diria que todo brasileiro gosta de um brega, se é assim que a gente tá rotulando esse gênero musical do qual você está se referindo com esses artistas aí citados. Isso não é novidade. Todo mundo gosta de um brega. Agora, a inserção na corrente sanguínea, da cultura latente, seja no estado do Rio Grande do Norte, seja em outros estados, e tal, é uma questão mais profunda a ser discutida”.

“Os artistas têm que ter protagonismo, têm que ter articulações, têm que ter buscas, haja vista aí a assunção dos sertanejos. Haja vista o forró chamado ‘forró de plástico’. Isso tudo tem um lance vinculado à mídia, mas tem também a ver com o próprio nível de produção desses artistas, evidentemente. Então essa dualidade entre mercado e entre proposta musical, é algo que tem que ser resolvido no nível das relações competitivas. De mercado”.

E retoma a ideia dos editais públicos como a única possibilidade de inserção dos artistas de origem popular na indústria cultural, por meio de financiamento público:

“Na área pública, repito, o instituto do edital não estabelece nenhuma restrição para que o brega participe dos editais públicos. Nem o brega ou qualquer outro gênero musical. Pelo menos dentro da política pública da Prefeitura de Natal, não existe isso. Os editais, o chamamento, eles não são dirigidos para MPB, música experimental, para música erudita, música camerística ou o brega. É aberto, geral. Basta que eles participem, busquem essa participação e não esperem tão somente o poder público. Esse empoderamento tem que ser deles, porque o instituto dos editais públicos já existe. Eles têm que se aproximar dos poderes públicos, não só do Rio Grande do Norte de um modo geral, e assim possam fazer valer o seu nicho e a sua fatia de mercado”.

O pensamento de Dácio, não difere muito do de Crispiniano no que se refere a oportunizar aos representantes do gênero “brega” via projetos culturais, espaços públicos para a divulgação e valorização de sua produção musical. O grande empecilho, ao que tudo indica, é a burocracia e a falta de iniciativa e organização dos próprios artistas.

Será que falta engajamento dos representantes do gênero musical denominado de “brega”, no sentido de se fazerem representar junto ao poder público em busca de maior reconhecimento de sua arte?

As questões burocráticas, por imprescindíveis, têm que ser levadas em consideração e é preocupante quando o secretário Crispiniano Neto enfatiza que apenas um artista “tem a documentação organizada” e, portanto, está apto a participar de editais públicos. Nesse caso, o cantor e compositor Fernando Luiz.

E é Fernando Luiz, que em seu livro “A Arte de Pés Descalços”, de 2014, conta sobre as dificuldades que os artistas populares encontram para divulgar os seus trabalhos no Rio Grande do Norte:



Imagem/Fonte:Reprodução Facebook

“Entre os anos de 1980 e 1984, eu havia participado de alguns shows em bairros natalenses. Entretanto, os eventos tinham dimensão e intensidade inferiores às que eu viria constatar em Fortaleza e Recife. Lá nessas capitais, os shows eram realizados com muito maior frequência e promovidos por emissoras de Rádio e TV, com transmissões ao vivo, inúmeros patrocinadores. Percebia-se o respeito à diversidade cultural e à liberdade de expressão dos artistas, independentemente de serem artistas consagrados ou desconhecidos do grande público”.

Foi inspirado nesse modelo, que Fernando criou em 2002 o “Show das Comunidades” e durante doze anos - sendo cinco com o apoio da Lei Djalma Maranhão - conseguiu realizar mais de cem shows em bairros periféricos de Natal.

Perguntado se alguma coisa havia mudado em todos esses anos – desde o início e o fim do “Show das Comunidades” - o autor de “Garotinha” mostra-se nostálgico e até um certo ponto, irônico:

“O que é que mudou? Olha, sinceramente não mudou nada. Pelo contrário. Atualmente não tem mais esse tipo de evento como tinha antes. Existem algumas coisas pontuais que alguns artistas fazem, mas muito restritas. Em alguns bairros, projetos inclusive com o apoio de alguns políticos. Mas um projeto, um show, um projeto digamos assim, nos bairros e frequente, com a intensidade que tinha o ‘Show das Comunidades’ que eu fiz inspirado no modelo de Fortaleza e Recife não existe mais. É... mudou assim nesse sentido, que não existe mais”.

Fernando, falta engajamento ou união entre os artistas “bregas”?

“O que acontece é o seguinte: a grande maioria dos artistas, dos músicos, principalmente do meu estilo, são pessoas de pouca escolaridade. Não têm noção de edital, do que quer que seja. E os poucos artistas que têm esse tipo de conhecimento são aqueles que fazem um trabalho mais elaborado. É difícil lidar com a burocracia”.

"Falta sim um pouco de união, mas é porque os artistas são realmente dispersos por falta de conhecimento. Eles geralmente, com raras exceções, no meu estilo pelo menos, têm muitas limitações pra lidar com a burocracia. E às vezes a documentação é difícil. Eu passo muita dificuldade. Inclusive eu tenho essa documentação aqui porque eu leio e consulto os editais. É muito burocrático. Muita gente não tem paciência. Dá muito trabalho a você ter esse tipo de organização, de ter essa documentação”.

Fernando Luiz é um ativista em busca da valorização do artista potiguar. O seu programa de TV “Talento Potiguar” (“um sonho alimentado durante dezesseis anos”) foi ao ar pela primeira vez em maio de 2008 pela TV Tropical e atualmente é veiculado na Band Natal, aos sábados às 11 horas da manhã. sempre revelando artistas iniciantes e realizando programas especiais com grandes nomes da música potiguar.



Os artistas falam

“Os artistas têm interesse em usufruir dos projetos culturais, mas a maioria deles realmente quando se trata de fazer alguma coisa que envolva burocracia, não se motiva. Uns não tem conhecimento e outros não querem, essa é que é a verdade. Tem muito artista acomodado com relação aos projetos oficiais porque é difícil participar desses projetos”.

Fernando Luiz

“Existe preconceito sim, com certeza. Isso, não só no Rio Grande do Norte como em todo o Brasil. Eu sofro preconceito desde pequeno, desde criança. Desde criancinha. É por conta da música intitulada como música brega. É isso aí. Música brega antigamente era como uma música sertaneja, uma música que fazia um sucesso tremendo. Não tinha outro tipo de estilo musical que batia na música romântica. Que era a música romântica e foi tachada como brega provavelmente por conta de preconceito”.

Bartozinho Galeno

"Eu acho que hoje pra você fazer a união desse nosso estilo é um pouco difícil. É muito difícil. É porque a idade também não ajuda. O pessoal mais velho acha 'que não precisa', 'já tá acabando', 'eu já fiz sucesso naquela época, então não adianta querer fazer a união e tal...'”.

Bartozinho Galeno

“Sobre a união dos artistas, não que seja difícil. Mas cada um tá com o seu pessoal. Tudo muito individual, um quer ser melhor que o outro. A gente montou um projeto, **Filhos do Brega**, que era eu Bartozinho Galeno, Maurício Reis Júnior, Rodrigo Santos, filho de Genival Santos, e o Carlos Alexandre Junior. Mas, por enquanto, o projeto ainda não foi em frente porque veio a pandemia. Antes da pandemia a gente ia gravar um DVD, fazendo shows com a gente cantando a música dos nossos pais”.

Bartozinho Galeno

“A música brega era muito discriminada no Brasil inteiro há muitos anos atrás. Mas hoje, graças a Deus e ao nosso eterno e saudoso Reginaldo Rossi, que explodiu com várias músicas no Brasil no gênero brega e conseguiu levantar a bandeira da música brega, ela é um pouco mais respeitada. Hoje o jovem e o adulto gostam da música brega. É uma música que tá no coração das pessoas. No Rio Grande do Norte precisa de mais oportunidades e valorização”.

Messias Paraguai

Nota: As perguntas foram encaminhadas à assessoria de Bartô Galeno (pai) que infelizmente não as respondeu, apesar das várias tentativas do seu filho Bartozinho, que muito gentilmente e até por também fazer parte da cena “brega” potiguar, externou suas próprias opiniões.

Outros artistas citados nessa reportagem foram contactados, mas também não retornaram ou não se dispuseram a responder as perguntas.

A burocracia estatal

Se a burocracia estatal afasta os artistas populares dos projetos culturais oficiais, é justo colocar a culpa apenas nos artistas que não conseguem se articular “burocraticamente” em busca da valorização do seu trabalho?

É papel do Estado promover a cultura em todos os níveis artísticos e sociais. A adoção dos editais públicos para a concepção de projetos culturais é uma medida válida. No entanto, acaba privilegiando algumas categorias artísticas que possuem maior poder de articulação, em detrimento de outras que lutam bravamente para sobreviver do seu trabalho e que possuem pouca ou nenhuma capacidade de engajamento.

Não seria o caso desses órgãos públicos promoverem oficinas adequadas para que esse público específico tenha condições de concorrer aos editais?

Cabe, portanto, ao poder público buscar novos modelos oficiais de se levar cultura à população. Modelos esses, que consigam atender a todas as formas de arte de maneira justa e igualitária. Torna-se urgente e obrigatório desburocratizar a cultura do Rio Grande do Norte.

E diante da sua importância histórica no contexto musical potiguar, o segmento “brega” e os seus representantes, já fazem por merecer editais específicos.

Se o “brega” não alcança o Estado, que o Estado alcance o “brega”.

Carlos André, o gigante de Mossoró

Carlos André, um dos maiores artistas potiguares de todos os tempos, foi um caso à parte entre os artistas contactados. Foram muitas conversas bastante amigáveis via *whatsapp*, em que sempre alegava falta de tempo como o motivo para não responder às perguntas enviadas. Depois de vários contatos e reenvios das perguntas, ele confessou que não se sentia mais à vontade para responder a perguntas sobre falta de valorização, injustiças e preconceitos com os talentosos artistas potiguares. A mensagem enviada para justificar a sua não disposição em responder, já é uma excelente resposta. Mas o desejo de um artista da estatura de Oséas Carlos André Almeida Lopes, tem que ser respeitada.

No entanto, nenhum texto jornalístico, artigo, tratado, ensaio, documentário ou algo que o valha, sobre a música popular potiguar, pode ser concebido sem a presença de Carlos André.

Sendo assim, reproduzo alguns trechos, inclusive o título, da matéria do jornalista Tulio Ratto – devidamente autorizados - para a edição de fevereiro de 2021 da revista eletrônica Papangu na Rede.



Grande na altura — cerca de 1,90 — e no talento, Oséas 'Carlos André' Almeida Lopes é um dos maiores artistas que o RN já concebeu.

”Algo que vira e mexe vem à tona em nossa conversa é a questão da valorização ou desvalorização do Trio Mossoró em sua terra natal. Carlos André lembra que antes da pandemia foram fazer um show em São Paulo e quando chegaram ao aeroporto duas garotas em uma camioneta receberam o Trio para acompanhá-los até o hotel e se colocaram à disposição para passeios pela cidade, se eles quisessem. ‘Parecia até Mossoró, ó, bicho?’, ironiza, e diz que enviou o material para a ex-prefeita Rosalba. Quería mostrar aquela recepção”.

"No palco, ele conta, foi preciso até segurança, pois era grande a multidão para ver o show, 'e de jovens, universitários. Por que isso não acontece em Mossoró, meu Deus?', pergunta desapontado. Lembra ainda que quando foi fazer show em um São João, de Mossoró, nem camarim tinha para ficar. Até teriam direito, se pagassem pelo camarim. 'É mole? Isso dói na gente'. Em outra ocasião, relembra que o cachê do Trio deveria pagar todas as custas, como traslado, hotel, alimentação. E, caso não aceitassem, o secretário de cultura mandara avisar que não seriam contratados".

Carlos André, sua grande mágoa seria essa indiferença que Mossoró tem com o seu nome e o nome do Trio Mossoró?

"Dos governantes? Total. Vou aproveitar para desabafar agora. Na época que o produtor de TV Zé Messias veio a Mossoró, fui com ele assistir ao espetáculo Chuva de Balas, depois da apresentação dele o convidaram para ver a peça, e disseram que pra mim não tinha um lugar lá na frente, que só tinha pra ele. É uma vergonha, bicho".

"O amigo Herbert Mota sempre me diz que tudo tem sua hora, que minha hora vai chegar. Mas a minha hora será quando eu partir? É como meu amigo Nelson Cavaquinho falava, que depois que eu partir só quero reza. Se você pode fazer algo por mim, que faça agora. Quem mais fez divulgação do nome de Mossoró fomos nós, eu e o Trio Mossoró. E não sou reconhecido. Quantas mensagens e e-mails enviei para Rosalba e ela nunca me deu uma resposta? Nunca".

"Apesar de hoje morar em Recife-PE, Carlos André sempre foi muito presente em Mossoró e diz, quando pergunto sobre nossos destaques mossoroenses na música, que 'temos muitos talentos, mas que também não são reconhecidos. A injustiça existe. Orlando Peres e Ilo de Souza são grandes talentos. Tinha um sanfoneiro em Mossoró que me falava que tocava no São João e recebia R\$ 300 reais para ele e banda. Isso é uma vergonha. Quem conhece Mossoró sabe que aqui é um celeiro de grandes artistas. Não dá nem pra elencar tantos talentos. Temos muitos. Mas é aquela coisa, sem incentivos o negócio não anda, bicho!', finaliza desapontado".

Tá explicado gigante!

A atual cena “brega” potiguar

Além dos veteranos que continuam em plena atividade, viajando e fazendo shows, alguns nomes surgiram e seguem na trilha dos artistas “bregas” clássicos.

Zezo Potiguar (José Maria Teixeira do Nascimento): natural de São Gonçalo do Amarante/RN, 48 anos, já foi o Príncipe dos Teclados e faz sucesso na região Nordeste com o seu repertório que mistura forró e “brega” do passado. Tem como grande sucesso a canção “Diga pra mim” (1973) de Franc Landi, mais conhecida como “Nenhuma carta pra lembrar”.



Imagem/Fonte:Reprodução Instagram



Imagem/Fonte:<https://www.palcomp3.com.br/carlosalexandrejr/>

Carlos Alexandre Júnior: natural de Natal/RN, 48 anos, segue a carreira do pai cantando o seu repertório e algumas músicas autorais. Participa dos grandes eventos “bregas” do estado, além de shows em parceria com outros artistas do gênero.

Bartozinho Galeno (Bartolomeu Fernandes da Silva): natural do Rio de Janeiro/RJ, onde mora, tem 40 anos; e faz shows em todo o Nordeste do Brasil e no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, onde se apresenta com músicos de Mossoró/RN e Teresina/PB, cantando músicas do seu pai Bartô Galeno, canções autorais e de outros artista do gênero.



Imagem/Fonte:<https://www.palcomp3.com.br/bartozinhogalenooficial/>

Abdênio Ribeiro – O rei do brega de Natal: No estilo de Zezo, se apresenta em casas de shows, bares e eventos do gênero com um repertório repleto de clássicos de outros artistas “brega”, além de algumas músicas autorais.



Imagem/Fonte:Divulgação



Imagem/Fonte:Divulgação

Cachorrão do Brega (Francisco Márcio de Arruda Cabral): natural de Janduí/RN, 38 anos, em 2019 produziu um vídeo bem simples usando apenas teclado e guitarra e cantando a música “Boate Azul”, de autoria de Benedito Sevierio e sucesso na voz de grandes cantores sertanejos, como Bruno e Marrone; e Leonardo. O arranjo viralizou na internet, virou meme e o Cachorrão do Brega alcançou o sucesso nacional.

Banda Cinzeiro de Motel: Surgiu em novembro de 2005, por iniciativa do músico Átila Carvalho, visando trazer de volta as músicas de sucesso da época de ouro do forró, “brega” e lambada e colocar em evidência a música “brega”. A ideia era resgatar todos os sucessos musicais entre os anos 80 e 90, que incluía grandes ícones da música nacional e regional. Artistas como: Beto Barbosa, Eliane, Alípio Martins, José Orlando, Borba di Paula, Carlos Santos, Mardônio, Fernando Luiz, Messias Paraguai, Getúlio Marques, Amado Batista, Reginaldo Rossi, Carlos André, Bartô Galeno e tantos outros que vieram a colaborar para essa época de rico movimento musical no Brasil. Atualmente a banda não está em atividade. De acordo com Átila, essa parada se deu em virtude da pandemia da covid-19 e alguns problemas administrativos. Que voltem logo.



Imagem/Fonte:Reprodução
Facebook

Grandes eventos e festas "bregas" no RN



BREGASSU - ASSU/RN

Foto: Divulgação



BREGAÇO DE LAGES/RN

Foto: Divulgação



MEGA BREGA - MACAU/RN

Foto: Divulgação



BREGA SOLIDÁRIO GACC - NATAL/RN

Foto: Divulgação



BREGA NO BECO - NATAL/RN

Foto: Divulgação



NOITE DO BREGA - CARAÚBAS/RN

Foto: Divulgação



FEST BREGA - ANGICOS/RN

Foto: Divulgação



MESA DE CABARÉ - SANTA CRUZ/RN

Foto: Divulgação



AKONCHEÇO DO FORRÓ - PARNAMIRIM

Foto: Divulgação



BREGÃO CLASSE A - NATAL/RN

Foto: Divulgação



FESTA TORTURAS DE AMOR - MOSSORÓ/RN

Foto: Divulgação

Enquanto isso, em Pernambuco...

Desde maio de 2017, a partir da aprovação do Projeto de Lei nº 16.044/2017, a música “brega” foi incluída como uma das expressões artísticas genuinamente pernambucanas. A lei começou a tramitar em 14 de fevereiro, data escolhida por ser o dia do nascimento de Reginaldo Rossi.

Em seu Art. 1º, a lei 14.679/2012 determina “que os convênios firmados entre o Poder Executivo do Estado e dos Municípios, ao remeterem recursos para a realização de atividades culturais, que têm por objetivo oferecer à população de Pernambuco apresentações artísticas nas áreas de música, teatro, dança, literatura e outras áreas afins, deverão prever a reserva de 60% (sessenta por cento) das vagas para artistas e grupos que expressem a cultura pernambucana. São consideradas expressões artísticas pernambucanas: afoxé, baião, bumba meu boi, caboclinho, capoeira, cavalo marinho, ciranda, coco, forró, frevo, mangue beat, maracatu, mazurca, pastoril, reisado, repente, toré, urso e outros ritmos devidamente reconhecidos pela Fundação de Cultura do Estado de Pernambuco – FUNDARPE”.

O projeto proposto e aprovado pelo deputado **Edilson Silva** (PSOL), altera a Lei nº 14.679/2012, que “Dispõe sobre a garantia de apresentações de artistas e grupos que executam a Expressão Cultural Pernambucana no Estado de Pernambuco”.



Imagem/Fonte: Arquivo pessoal

Com a Lei 16.044/2017 o “brega” passou a fazer parte do rol dessas expressões artísticas pernambucanas garantindo a preservação da manifestação “brega” como bem cultural do estado.

Edilson Silva, atualmente Assessor Especial na Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco, fala sobre a cena “brega” pernambucana e como surgiu a ideia de transformar a música “brega” em Patrimônio Cultural do Estado de Pernambuco:

“O universo do brega é um universo muito amplo. Em Pernambuco ele se subdivide em vários níveis. Temos os bregas clássicos e você citou o Reginaldo Rossi. Temos um outro brega, que é um brega romântico cantado por mulheres e por bandas. É um brega moderno, eletrônico, com muita tecnologia. Nós temos um outro fenômeno aqui em Pernambuco chamado **Brega Funk**, que acontece quase que exclusivamente na juventude das periferias. É uma estética diferente, uma estética própria, bastante original. Só existe aqui em Pernambuco. Tem coreografias próprias. Tem toda uma estética de cabelo, de roupa e etc. E existe uma indústria por trás disso. O brega aqui em Pernambuco não carece de incentivo público para grana porque eles tocam muito na rádio, fazem muito shows, têm muito público e lotam casas de shows. Existe uma cadeia produtiva do brega muito bem estruturada para todos os formatos de brega”.



Imagem/Fonte:@dodanalog

Segundo o ex-deputado, esse “brega” “mais vinculado à juventude e às periferias sofre um processo de preconceito, de discriminação e de criminalização. Sofre racismo cultural. Um racismo na arte, que é um processo que acompanha as culturas que vêm do povo negro e da periferia desde sempre. Todas as expressões musicais, artísticas, culturais que vêm do gueto são historicamente, não só discriminadas como criminalizadas. Isso aconteceu com o samba, com o maxixe, com a capoeira, com o frevo, com o pagode. Acontece com o funk no Rio de Janeiro e acontece com o brega aqui”.

E foi essa luta contra o preconceito e contra a criminalização, que levou Edilson a propor uma lei protegendo o “brega”.

A lei acabou provocando polêmica junto a outros setores da cultura popular pernambucana, como explica o seu autor:

“O que eu fiz aqui e foi muito polêmico na época foi estabelecer que o brega estaria no rol das expressões musicais genuinamente pernambucanas e portanto estaria protegido por essa lei [Lei nº 14.679/2012] que estabelece um quantitativo mínimo de expressões artísticas pernambucanos nos palcos públicos. Tanto do governo do estado, quanto das prefeituras. Deu muita polêmica porque o pessoal que faz cultura popular, que faz cavalo marinho, maracatu, ciranda, etc., não têm uma cadeia produtiva e dependem muito dos eventos das prefeituras, o que acontece muito por aqui”.

“A polícia chega aqui nos bailes bregas, nos espaços onde está tendo dancinha de passinho, etc e tal, e a molecada sai correndo. A polícia chega pra dispersar como se aquilo fosse uma boca de crack, que o pessoal tivesse comercializando uma droga ilícita. Aí o pessoal sai correndo e a polícia se diverte com isso. Então esse preconceito, que, óbvio, nessa conjuntura se articula com o negócio do crescimento das igrejas pentecostais e neopentecostais, foi o que me motivou”.

Edilson Silva

E explica como funciona em Pernambuco, a política pública para a cultura popular:

"Existem os ciclos. O ciclo de inverno, com os festivais de Garanhuns, Triunfo, Gravatá, onde os palcos são públicos e esse pessoal vai lá pra tocar e consegue se manter. Existe o ciclo natalino, de final de ano, que tem as suas ‘tocadas’, onde os grupos populares também se apresentam. Tem o carnaval onde alguns grupos sobrevivem com o subsídio público”.

Edilson Silva salienta que o “brega não depende das políticas públicas ou ciclos oficiais” para sobreviver e por esse motivo as críticas surgidas na época giravam sempre em torno de questões financeiras.

“Muita gente me criticou dizendo o seguinte: ‘Mas Edilson, os grupos bregas não precisam desse apoio, porque eles já têm uma cadeia produtiva, grandes produtoras, toca nas rádios, não precisa, e tal’. E eu coloquei: a gente aqui não está querendo apenas dinheiro”



Imagem/Fonte: Inês Campleo/MZ
Conteúdo

"O brega não precisa só de dinheiro. A cultura brega aqui precisa de respeito. Precisa não ser criminalizada. É uma cadeia produtiva que sofre racismo cultural e preconceito. Foi por isso que a gente se motivou a preparar essa lei que felizmente foi aprovada por unanimidade na Assembleia Legislativa e sancionada pelo governador”.



Foto: Bruna Costa/Esp. DP

E porque não no RN?

É perceptível nas palavras de Edilson, que o que ocorre na cena “brega” pernambucana, difere completamente do que ocorre no nosso estado. No entanto, apesar desse aporte mercadológico e de uma certa independência financeira, o “brega” e algumas de suas variações em Pernambuco, sofrem com o preconceito, discriminação e criminalização, como bem frisou o ex-deputado em relação ao “brega funk”.

Uma lei nos moldes da que existe em Pernambuco, que garanta uma reserva para a apresentação de artistas e grupos populares nos eventos promovidos pelo estado e municípios, não seria possível no Rio Grande do Norte?

Nesse processo local, caberia a Fundação José Augusto – FJA proceder um levantamento e listar as expressões artísticas potiguares a serem abarcadas pela lei, entre as quais deverá constar impreterivelmente, a nossa música popular romântica ou simplesmente “brega”.

Primeiros passos?

Dia Estadual do Forró

Por meio da Lei Estadual nº 10.908 ou Lei Elinó Julião de autoria do deputado estadual Francisco do PT, sancionada em 1º de junho de 2021 pela governadora Fátima Bezerra, ficou estabelecido o dia 13 de novembro como o "Dia Estadual do Forró". A data é uma homenagem ao grande artista potiguar Elinó Julião, nascido em Timbaúba dos Batistas em 13 de novembro de 1936 e que faleceu em Natal em 20 de maio de 2006.

É uma belíssima e merecida homenagem a esse grande gênio da música potiguar. Porém, Elinó Julião era um artista multifacetado que além de enveredar por todos os ritmos nordestinos (quicá, brasileiros), também produziu grandes clássicos do gênero “brega”. “Ela me deixou e foi morar com o guarda”, “Meu cofrinho de amor”, “O homem invisível”, “É minha sina”, “As mulheres merecem flores”, “Meu bauzinho de felicidade”, são músicas que o colocam ao lado de artistas como Carlos Alexandre (falecido), Regy Campelo (falecido), Evaldo Freire, Carlos André, Fernando Luiz, Gilliard, Messias Paraguai, Bartô Galeno, como legítimo representante do gênero “brega” em nosso estado.

Em um primeiro contato, o deputado Francisco se dispôs a comentar sobre o seu projeto de lei, mas após várias tentativas de retorno junto à sua assessoria não obtivemos sucesso.

Dia Estadual do Brega?

Em conversa com o cantor e compositor Fernando Luiz, recebi a informação de que o Deputado Ubaldo Fernandes (PL) pretende apresentar um projeto de lei incluindo no Calendário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte o “Dia Estadual do Brega”, a ser comemorado em 1º de junho, dia do nascimento de Carlos Alexandre.

Seria ótimo se isso viesse a acontecer. A criação do “Dia do Brega Potiguar” resgataria definitivamente a memória do maior artista popular de nosso estado em todos os tempos, mas que nunca recebeu as devidas homenagens.

Foram várias as tentativas de contato com o Deputado Ubaldo para maiores informações sobre o projeto, mas sem sucesso. Aguardemos então.

Música Potiguar Brega como Patrimônio Cultural Imaterial do RN

Ouvimos os gestores culturais do Estado e da cidade de Natal sobre a viabilidade de se transformar a Música Potiguar Brega (MPB) em Patrimônio Cultural Imaterial do Rio Grande do Norte.

Crispiniano Neto é enfático:

"Respeito, mas discordo de 'tombamentos' pela via legislativa. Não me parece que deputados, vereadores ou senadores tenham legitimidade, principalmente do ponto de vista técnico e pelo modo precipitado como eles quase sempre fazem, para tomar patrimônios históricos e artísticos, sejam materiais ou imateriais. Estamos para fazer um amplo debate com setores da UFRN para discutir este assunto à luz da Metodologia Científica".

Ele pondera que "tombar por decreto ou projeto de lei, sem antes passar por uma profunda pesquisa que dê consistência ao tombamento pode vulgarizar este tipo de homenagem. Aliás, não passa de uma simples homenagem".

"Tombamento é outra coisa. Requer um profundo conhecimento do assunto e comprovações da importância cultural dos pontos de vista 'histórico' e 'artístico' do bem tombado. A Literatura de Cordel levou cerca de dez anos de pesquisas altamente qualificadas para ser tombada, com pesquisadores com nível de Doutorado e Pós-Doutorado. O Forró de Raiz, idem. Depois, precisamos avaliar também as consequências do tombamento. Algo que se torna 'Patrimônio Histórico' precisa de meios concretos de preservação".

O secretário acredita que um possível tombamento da Música Brega do RN, pode vir a acontecer "pelo acervo, que tem obras de grande valor e de artistas de primeira linha".

Música Potiguar Brega como Patrimônio Cultural Imaterial do RN

Ainda segundo Crispiniano, essa “é uma discussão que está aberta, mas que tem que ser feita com gente que entende de música a fundo. Meu conhecimento sobre música é muito superficial, mas entendo que não se trata de um ‘Gênero’, de um ‘Ritmo’ e o tombamento passa por outros caminhos diferentes dos que foram percorridos pelos gêneros já tombados. De qualquer maneira, contará com o meu apoio, se o projeto for construído com seriedade e base científica”, conclui.



Imagem/Fonte:Arquivo Pessoal

Dácio Galvão também opina:
“Imaginar que o brega possa se tornar um patrimônio imaterial, não vejo nenhuma restrição quanto. Eu só entendo que esses processos - e aí eu falo Processos com P maiúsculo - devem ser bem fundamentados. Devem colocar o bem imaterial na categoria e estatura que eles merecem. Apresentar um fundamento com densidade, culturalmente falando, que justifique uma boa instrução processual e que isso de fato ganhe a notoriedade que tem que ganhar, seja no parlamento municipal ou estadual ou mesmo se for o caso, em nível federal”.

E contextualiza: “É como o forró que agora foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, numa grande luta de alguns simpatizantes e que dura, creio eu, mais de três anos [Na verdade o processo do forró durou 10 anos e começou em 2011 com um pedido da Associação Cultural do Balaio do Nordeste, do estado da Paraíba]. Não vejo porque o brega não possa atingir essa categoria. Não vejo nenhum problema nisso”.

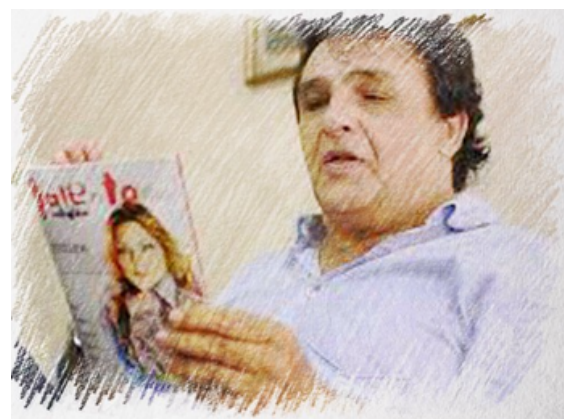
Música Potiguar Brega como Patrimônio Cultural Imaterial do RN

“Agora, repito: isso tem que ser uma articulação que parta de fora para dentro. Não de dentro da área pública propriamente dita. A relação do público com o privado na área cultural é uma relação de apoio. Uma relação de troca onde o protagonismo tem que ser do artista, nunca do poder público. Temos que inverter essa relação porque toda vez que historicamente o poder público intervém a favor das artes, ele se atrapalha. Enfim, não deve haver intervenção da área pública na área privada no que diz respeito a área cultural. Deve haver debate, recepção e apoio”, finaliza **Dácio Galvão**.

Fernando Luiz foi o único artista a se manifestar sobre esse assunto: “Acho essa ideia de se pensar na possibilidade de transformar a Música Potiguar Brega em Patrimônio Cultural do Estado excelente. Maravilhosa. Eu ganhei algumas comendas em homenagens da Câmara Municipal de Natal por conta dos meus projetos na área da cultura. Eu nunca fui premiado aqui ou recebi nenhuma menção honrosa por conta de ser cantor de música brega. Não. Eu recebi algumas medalhas e fui homenageado várias vezes pela Câmara Municipal e pelo Governo do Estado, por meu trabalho em defesa da cultura, o que é uma ironia, porque eu sou um cantor popular”.



Imagem/Fonte:Arquivo Pessoal



Imagem/Fonte:Arquivo Pessoal

Música Potiguar Brega como Patrimônio Cultural Imaterial do RN

Em 15 de setembro de 2021, o Governo do Pará, por meio da Secretaria de Estado de Cultura, sancionou a lei nº 199/2021, que declara o ritmo “brega” Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado do Pará. De autoria da deputada estadual Ana Cunha (PSDB), o Projeto de Lei foi aprovado por unanimidade na Assembleia Legislativa do Pará (Alepa).

Então é isso. No Pará, do inexpugnável **CARIMBÓ**, o “brega” virou Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado.



Imagem/Fonte:

http://wikidanca.net/wiki/index.php/A_Dan%C3%A7a_do_Carimb%C3%B3

Música Potiguar Brega como identidade musical do RN

Em nossa busca por uma identidade musical para o Rio Grande do Norte e na tentativa de apontar uma forte influência do gênero “brega” no cenário musical potiguar, capaz de caracterizar uma Música Potiguar Brega (MPB), nos deparamos com algumas assertivas que provocam questionamentos.

O diretor geral da Fundação José Augusto e Secretário de Cultura do Estado, **Crispiniano Neto** é taxativo em afirmar:

“A música ‘BREGA’ não é um ‘estilo’ ou ‘gênero’ musical, como o Forró que acaba de ser reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil ou o Samba e o Frevo que já o foram antes. Também não obedece a limites geográficos, como o Carimbó e o Frevo. O ‘Brega’ pode ser encontrado em vários gêneros ou estilo e assim se espraia por todas as regiões brasileiras. O ‘Brega’ é mais ‘uma abordagem’, um viés do romântico em geral, de forma mais popularizada ou até como falei, de forma ‘escrachada’, com versos trágicos do tipo ‘Tem sangue de barata/tem coração de plástico/e o resto eu nem sei’ de Raimundo Soldado”.

Essa afirmação de que o “brega” “não obedece a limites geográficos” soa contraditória. A não ser por algumas expressões culturais típicas e genuínas de alguma região específica, nenhum outro gênero ou estilo musical é limitado geograficamente. A origem pode ser limitada. No entanto, as suas variações – que por vezes adotam uma nova nomenclatura a depender do lugar – estão espalhadas por todas as regiões do país.

A música caipira nos “presenteou” com o sertanejo que “involuiu” para o sertanejo universitário. O forró tradicional ou forró pé-de-serra nordestino está associado a outros ritmos também nordestinos como o baião, o xote e o xaxado e ainda tem que “conviver” com suas deformações mais contemporâneas: forró universitário, forró eletrônico e até um tal de forró piseiro.

Música Potiguar Brega como identidade musical do RN

O carimbó, dança e gênero musical típicos do meio rural do Pará, ficou conhecido nacionalmente a partir do sucesso de Pinduca (Aurino Quirino Gonçalves), que juntou instrumentos elétricos e de sopro ao ritmo tradicional no início dos anos 1970. O carimbó também carrega as suas modernidades: a lambada, a guitarrada e o tecnobrega que se espalharam pelo Brasil, principalmente pelo Nordeste, e são muito bem representadas por artistas e bandas como: Banda Calypso, Felipe Cordeiro, La Pupuña, Gaby Amarantos, Lia Sophia e Mestres da Guitarrada, entre outros. No Rio Grande do Norte o mestre Elinó Julião compôs e cantou diversos carimbós durante a sua incrível trajetória musical e o grande sucesso de Fernando Luiz “Garotinha” tem uma batida de lambada-brega bem característica do início dos anos 1980.

O “brega”, com sua denominação única e peculiar é realmente “uma abordagem”, “um viés do romântico em geral, de forma mais popularizada ou escrachada”, mas que acabou assumindo identidade própria no estado do Rio Grande do Norte, a partir da proliferação de artistas que são legítimos representantes desse gênero ou estilo musical. E a exemplo de outros ritmos, o “brega” também possui suas variações regionais que acabam contribuindo para projetá-lo nacionalmente: brega-funk, forró-brega, tecnobrega, eletrobrega, lamba-brega, piseiro-brega e por aí vai.

Música Potiguar Brega como identidade musical do RN

Sendo assim, não é nenhum absurdo imaginar, que a partir de uma divulgação muito bem feita, do engajamento dos artistas e do público consumidor desse gênero musical, do apoio do poder público e de produtores musicais interessados no assunto, a nossa **Música Potiguar Brega (MPB)** venha a ser caracterizada e divulgada como a verdadeira identidade musical do Rio Grande do Norte.